

Dossiê Antropologia e Imagem: produções visuais na cidade



Desenhando um ensaio visual: o Centro de Fortaleza/CE em imagens traçadas no papel

Drawing a visual essay: the Center of Fortaleza/CE in images traced on paper

Dibujando un ensayo visual: el Centro de Fortaleza/CE en imágenes trazadas en el papel

Alice Dote

Mestranda no Programa de Pós-Graduação
em Sociologia da Universidade Federal do
Ceará (PPGS/UFC)

Apresentação

O desenho surgiu nesta pesquisa sem que eu o esperasse. Buscando o encontro com escritas urbanas¹ riscadas nas superfícies do Centro de Fortaleza², tracei como métodos de pesquisa a realização de caminhadas etnográficas por suas ruas e a fotografia dessas imagens também passantes, efêmeras e fugidias. O caminhar e as imagens que dele emergem provocaram outros encontros não previstos, como a confirmar que o deslocamento dos passos faz-nos, quase sempre, experimentar outros deslocamentos – tais quais os metodológicos – durante a pesquisa.

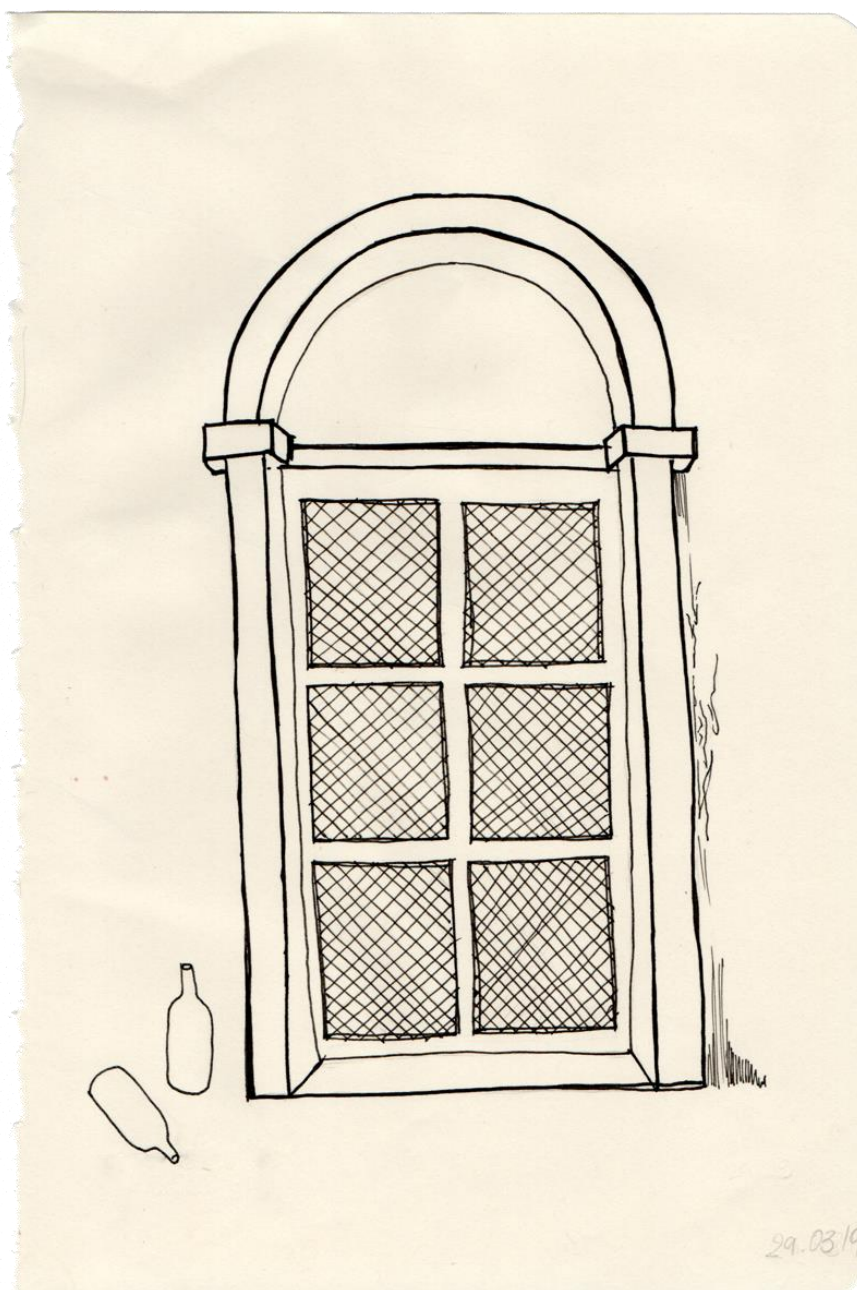
De início, o desenho surgiu como um artifício para instaurar uma pausa no caminhar e demorar-me em alguns espaços, o que compreende o exercício de outra temporalidade na observação, como apontam as antropólogas Karina Kuschnir (2016) e Aina Azevedo (2016). Logo, fui notando que, para além disso, o gesto de desenhar constitui-se uma maneira outra de desassossegar e desconfiar do olhar em uma pesquisa antropológica que se faz nos caminhos e através de imagens – as que encontramos e as que produzimos. Não à toa, John Berger (2012) associa o desenhar ao descobrir, sendo aqui, portanto, fundamental o processo de olhar. Traçar algumas linhas no papel é como uma busca, uma sutil perseguição de algum encontro que se tece entre os movimentos do olhar, da coisa vista, da mão que risca. Inquieta-nos, assim, a seguir tateando com o olhar.

Logo, o desenho foi investido de intencionalidade e reflexividade e assumido como um método, ou, em outras palavras, outra maneira de percorrer, perceber e envolver-me com o campo e com o ofício da pesquisa antropológica. Como propõe Tim Ingold (2015), no desenho, gesto que nutre estreita correspondência com o andar e o escrever, não tentamos projetar o que vemos em campo, mas nos misturarmos ao mundo, assim, provocamos e tecemos encontros, deixamos rastros. Com isso, intento, aqui, não representar um “objeto” em uma unidade coerente de imagens, nem mesmo descrevê-las ou interpretá-las. Partilhando as imagens produzidas ao longo de caminhadas e experiências várias no Centro de Fortaleza durante essa pesquisa, arrisco deixá-las mostrar-se a si próprias.

Este ensaio visual, portanto, faz parte da pesquisa “Cidade caminhante”³, em andamento no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará. Todos os desenhos partem de situações vividas na pesquisa, no ano de 2019. Alguns foram realizados inteiramente em campo, outros foram ali rabiscados, mas finalizados posteriormente. Há, também, aqueles que têm em uma cena ou experiência sua origem, mas são feitos não de observação, mas de memória. O caminho de suas feitura foi o escolhido para essa partilha: disponho os desenhos neste ensaio na ordem em que foram realizados ao longo das caminhadas etnográficas, indicando um percurso espaço-temporal no Centro de Fortaleza⁴.



1. “Não era eu tomando aquela cerveja às onze da manhã”
Caneta nanquim sobre papel. Elaboração da autora (março/2019).



2. “A cidade goza de tudo o que não gozamos”
Caneta nanquim sobre papel. Elaboração da autora (março/2019)



3. “Aos domingos”

Caneta nanquim sobre papel. Elaboração da autora (abril/2019)



4. “Havia uma sombra de árvore”

Caneta nanquim sobre papel. Elaboração da autora (abril/2019)



5. “De pipoca Luiza⁵ a cigarro na unidade”
Caneta nanquim sobre papel. Elaboração da autora (abril/2019)



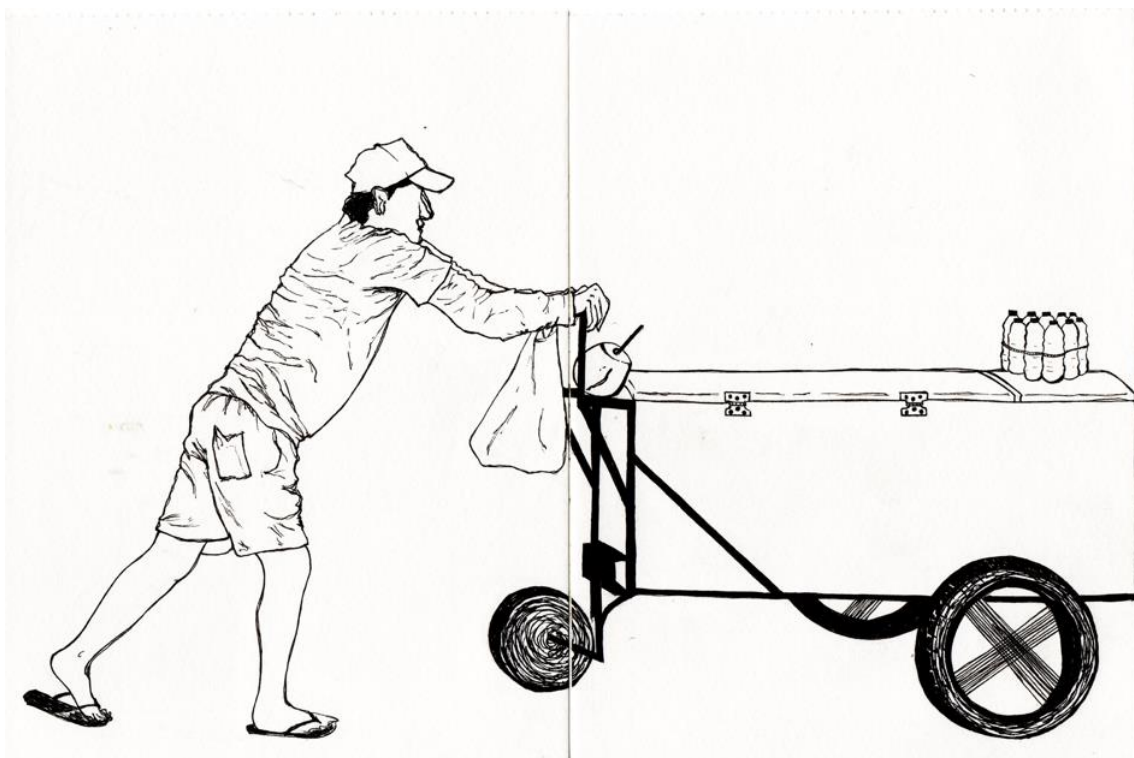
6. “Tudo o que é preciso para fazer arte”

Colagem analógica e caneta nanquim sobre papel. Elaboração da autora (abril/2019)



7. “Lá pelas dez da manhã do sábado”

Caneta nanquim sobre papel. Elaboração da autora (agosto/2019)



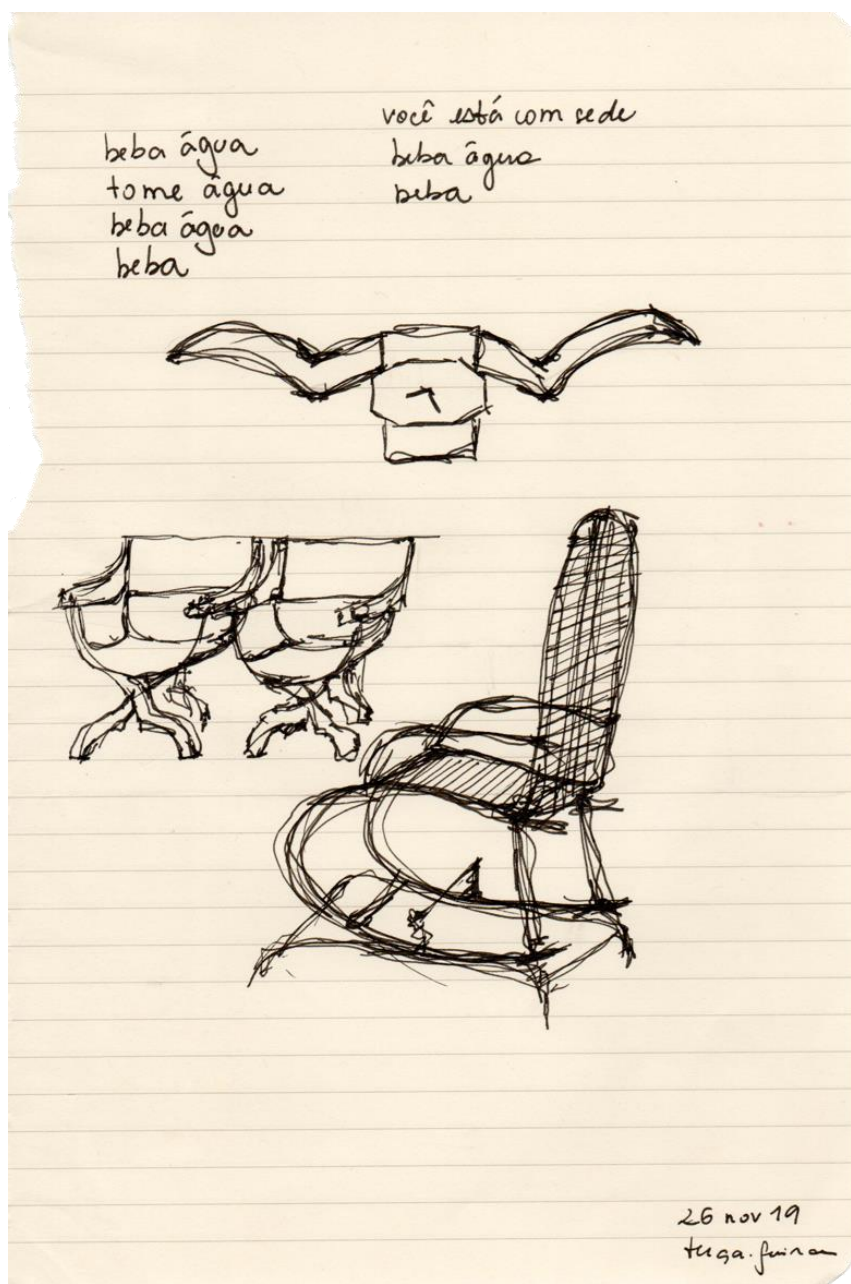
8. “óiaáguageladasóumrealóia”

Caneta nanquim sobre papel. Elaboração da autora (outubro/2019)



9. “3pardemeia5reaisolhaameia”

Caneta nanquim sobre papel. Elaboração da autora (novembro/2019)

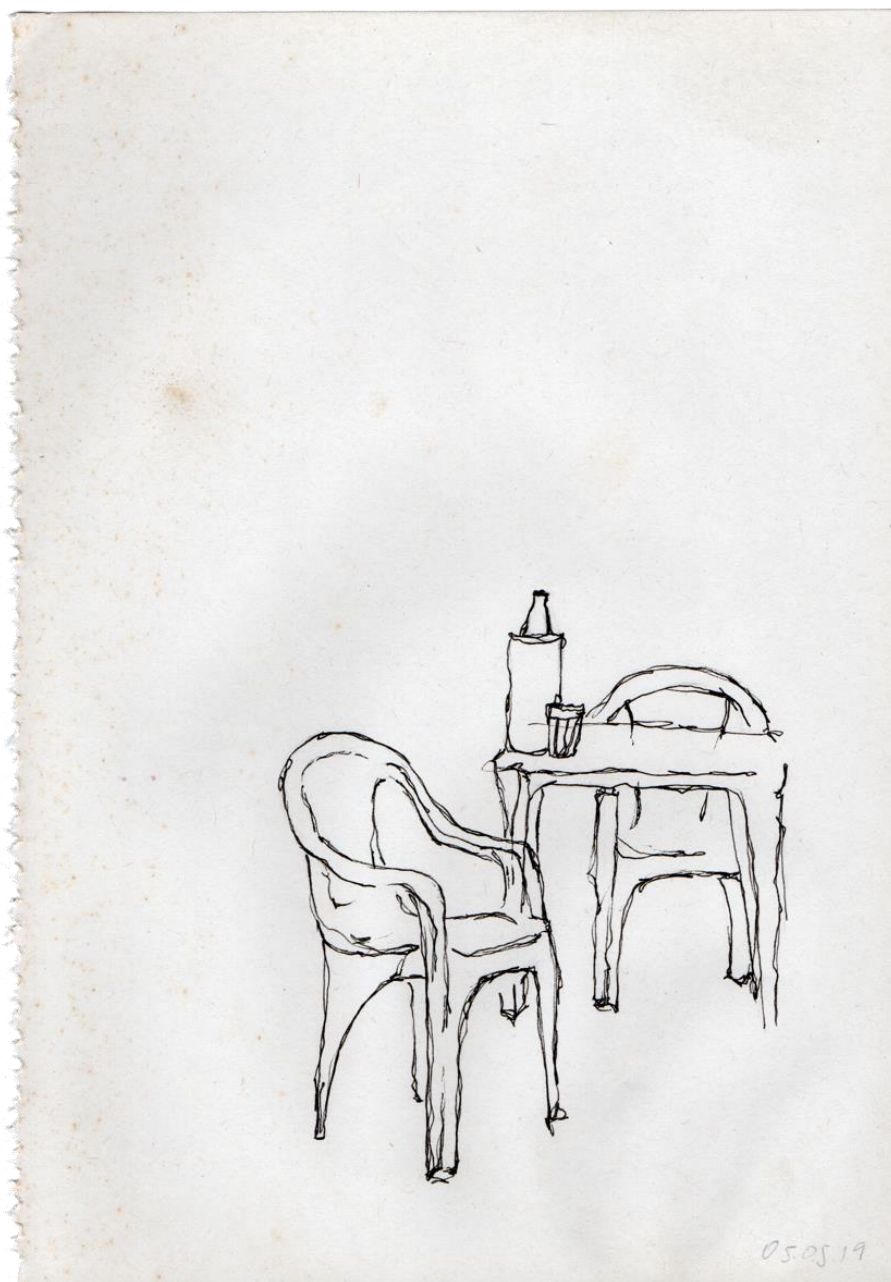


10. “A mesma dos domingos, só que diferente”
Caneta nanquim sobre papel. Elaboração da autora (novembro/2019)



11. “O nome da valsa é raio de sol”

Guache sobre papel. Elaboração da autora (abril/2019-janeiro/2020)



12. “Só a saideira”

Caneta nanquim sobre papel. Elaboração da autora (maio/2019-janeiro/2020)

Notas:

1. Adoto essa denominação para me referir às frases e palavras riscadas nos muros, paredes, postes, lixeiras, placas e outras superfícies da cidade. Em diferentes técnicas – como pixação, estêncil e lambe-lambe –, povoam a materialidade urbana com gritos de protestos, recados de amor, desabaços íntimos, dizeres irreverentes, palavras soltas e mesmo ditos sem sentido aparente. Nessas imagens – imagens que são, também, escrita –, considero que importa não só a mensagem veiculada, mas o gesto pelo qual elas existem e fazem-se ver. Assim, ao longo da pesquisa, foram se delineando, em termos de “objeto” e de método, formas de correspondência e atravessamentos entre imagem e palavra.
2. Na cidade de Fortaleza, capital do Ceará, entende-se assim tanto o bairro Centro, como o chamado “centro da cidade”. Embora não seja o seu centro geográfico, é institucional e popularmente aceito como seu centro histórico.
3. Para conferir as demais imagens da pesquisa (fotografias, vídeos e desenhos), inclusive as fotografias de escritas urbanas, pode-se acessar: cidadecaminhante.tumblr.com. Essa é uma plataforma que, já nos últimos meses da pesquisa, resolvi criar para partilhar as imagens encontradas e criadas. Através de uma montagem entre elas, que segue também uma ordenação cronológica (como a que proponho nesse ensaio visual), busco, compondo uma espécie de mesa de imagens, deixá-las mostrar-se por si e pelas relações tecidas entre elas, de modo que é intencional a ausência de escrituras, como legendas explicativas ou mesmo trechos do diário de campo que as contextualizem (isso, no entanto, é trabalhado no texto de dissertação). Como se pode notar, é essa também a escolha que rege a apresentação dos desenhos nesse ensaio visual.
4. Optei por não indicar uma data precisa de elaboração dos desenhos, uma vez que essas não costumam ser produções de um dia só. Pode-se perceber que alguns títulos indicam que a cena foi vivenciada no sábado ou domingo (por exemplo, desenhos 3 e 7). Para evitar a impressão de que todos os desenhos partiram de uma pesquisa “de final de semana” (o que não é verdade), assinalo, nesta nota, que os desenhos 1, 2, 4, 6, 10 e 11 são decorrentes de caminhadas realizadas durante dias da semana, e os desenhos 3, 5, 7, 8, 9 e 12, de percursos feitos aos sábados e domingos.
5. Pipoca Luiza é uma marca cearense do que se chama, popularmente, de “pipoca de isopor”.

Referências

AZEVEDO, Aina. Diário de campo e diário gráfico: contribuições do desenho à antropologia. *Áltera – Revista de Antropologia*, v. 2, n. 2, jan./jun. 2016, pp. 100-119. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/altera/article/view/34737>. Acesso em: fev. 2020.

BERGER, John. *Sobre el dibujo*. Barcelona: Gustavo Gili, 2012.

INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

KUSCHNIR, Karina. A antropologia pelo desenho: experiências visuais e etnográficas. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v. 5, n. 2, 2016, pp. 5-13. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cadernosaa/1095>. Acesso em fev. 2020.

Recebido em 28 de fevereiro de 2020

Aceito em 01 de maio de 2020